

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES, ORGANIZAÇÃO, LUTA DE CLASSES OU FRAGMENTAÇÃO

Erisvaldo Souza.

Graduado em História e Especialista em Ciência Política Pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) Anápolis. Mestre e Doutor em Sociologia Pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professor da (UEG) Campus Uruaçu.
erisvaldosouza@yahoo.com.br

Este artigo visa analisar o movimento dos trabalhadores, sua organização a partir da luta de classes e ao mesmo tempo, sua fragmentação ou não, pois trata-se de uma realidade complexa, na qual os trabalhadores estão inseridos. Hoje, vimos diversas informações sobre movimentos sociais em geral, principalmente trabalhadores em greve. Seria a greve legítima? Esta é uma das formas encontradas para os trabalhadores reivindicar seus direitos sociais, políticos, econômicos etc., ou seja, é uma de suas bases de organização para lutar contra seus patrões. O movimento dos trabalhadores em geral, expressa a luta de classes na sociedade capitalista, mas alguns afirmam que esta está em crise ou que não existe mais. Compreender esta questão torna-se fundamental a partir da concepção de Maurício Tragtenberg, que vai ser um dos nossos referenciais para pensarmos o movimento dos trabalhadores, sua organização e como este expressa a luta de classes ou a fragmentação desta. Assim, este artigo tendo por base os textos de Tragtenberg, sobre a organização do movimento operário, busca fundamentalmente compreender de forma crítica esta questão importante para a organização e a luta dos trabalhadores em sua totalidade.

Palavras-chave: Movimento dos trabalhadores, organização, luta de classes.

A origem e a formação da classe trabalhadora diz respeito à formação de uma forma de organização específica, que é a sociedade capitalista, que teve origem a partir da crise da sociedade feudal e a ascensão de uma nova classe social, que é a burguesia. Neste contexto de mudanças da sociedade feudal para a sociedade capitalista, ocorrem um conjunto de transformações sociais, políticas, econômicas, culturais, etc., mas que só foram consolidadas a partir da Revolução Francesa, momento marcante no que diz respeito ao capitalismo como modo de produção, pois é justamente nesse contexto que

vimos uma sociedade que de fato superou grande parte do modelo de sociedade anterior, que era a sociedade feudal.

Por outro lado, essas mudanças não acontecem de imediato, basta observarmos que, desde a crise da sociedade feudal, até a consolidação do capitalismo como modo de produção, foram em média quatro séculos, logo, essas mudanças foram sendo formadas. No início da sociedade moderna, a população se encontrava no campo e suas relações sociais estavam restrita a esse espaço. Com as mudanças ocorridas nesse período, como é o caso do renascimento cultural, científico, surgimento das cidades modernas etc., novas necessidades surgem, onde os indivíduos tem que se adaptar para poder continuar sobrevivendo. Isto quer dizer que suas condições materiais são alteradas, pois as relações sociais passam a ser cada vez mais complexas. Uma das relações que foi drasticamente modificadas, foi a relação campo cidade.

Na sociedade feudal, as relações no campo, demonstravam uma forte distinção da vida nas cidades que começam a se formar no início da sociedade moderna e capitalista. Podemos dizer que as relações de trabalho, também começam a sofrer mudanças, pois até então, o trabalho na sociedade feudal é basicamente camponês e com técnicas rudimentares, normalmente era um tipo de trabalho específico. Os servos trabalhavam na terra do senhor feudal e pagavam impostos para esse, ao mesmo tempo em que devia suas obrigações.

A produção era dividida entre o servo que trabalhava na terra com o senhor feudal detentor da terra, mas obviamente que haviam outros impostos e este foi um dos motivos que levaram os servos a se revoltarem contra os seus senhores, pois já não suportavam mais pagar altos impostos para trabalhar na terra.

No início da sociedade moderna, as formas de trabalho, ainda se encontravam no nível do trabalho artesanal, camponês etc., mas que vai sofrendo mudanças, pois a necessidade do uso do dinheiro era cada vez mais presente nesta sociedade. Começa-se então, a necessidade do acúmulo de riquezas, foi o que Marx chamou de acúmulo primitivo de capitais. Esse momento é marcado pelo surgimento das primeiras organizações privadas de capital, como as instituições financeiras. O próprio Estado moderno, foi uma das instituições responsáveis para produzir as condições para este fim.

As mudanças historicamente, fez surgir outras classes sociais, como é o caso do proletariado urbano, e com ele novas alterações no conjunto da sociedade. O surgimento do proletariado na Europa com as revoluções burguesas, foi um fato marcante para a

história da sociedade moderna, bem como para a história do capitalismo como modo de produção. As mudanças que ocorrem nesse contexto são importantes, basta observarmos a migração do campo para a cidade.

Com a Revolução Industrial, é possível perceber as novas necessidades, pois o engendramento do modo de produção capitalista, está cada vez mais presente na vida dos indivíduos, logo, estes precisam se adaptar a esta nova realidade. Com a forte migração do campo para a cidade, a cidade passa a dominar o campo, como bem analisou Marx e Engels (2005), isto quer dizer, que as relações sociais são radicalmente transformadas. Aqueles camponeses que habitam o campo, agora são obrigados a abandonarem, indo morar nas cidades inglesas que estavam em formação, pois não encontravam mais condições para viver no campo.

Agora, estes camponeses, são obrigados a se adaptar a uma “nova vida”, não tem mais a terra para trabalhar como servo do senhor feudal, pois cada vez mais esse modelo de sociedade, vai sendo substituída, logo, eles necessitam encontrar um trabalho para poder sobreviver. Sua relação de trabalho é radicalmente alterada, pois agora, em vez do trabalho no campo, este é obrigado a vender a sua força de trabalho em troca de um salário que não era suficiente para poder realizar a manutenção de sua vida e família, pois estes trabalhavam muito e recebiam pouco.

Isto demonstra que cada vez mais, o modo de produção capitalista vai se consolidando. Desta maneira, seguindo a perspectiva de Viana (2007), o modo de produção é o modo como os seres humanos produzem e reproduzem seus meios de sobrevivência e fazem isso através do trabalho e da cooperação. O trabalho e a cooperação se tornam necessidades com o desenvolvimento histórico da sociedade e do modo de produção.

O trabalho nas primeiras fábricas inglesas era árduo e os trabalhadores obrigados a enfrentar uma jornada de trabalho excessiva, péssimas condições de trabalho, baixos salários e forte opressão por parte dos patrões. Os trabalhadores viviam amontoados em pequenas moradias, cortiços das cidades inglesas que estavam em formação, pois os trabalhadores não tinham condições de pagar um aluguel, obviamente que seus salários não eram suficientes para pagar a alimentação e demais despesas, logo, a família inteira era obrigada a trabalhar em condições desumanas, inclusive crianças, como é narrado na obra de Friedrich Engels, *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*.

Por outro lado, surge a necessidade dos trabalhadores se organizarem em associações e depois sindicatos, principalmente para lutar contra as formas de opressão,

dominação e as péssimas condições de trabalho, tanto de homens, mulheres e crianças. Sendo assim, os trabalhadores começam a se organizar e passam a lutar por direitos sociais, como melhores salários, diminuição na jornada de trabalho, melhores condições para desenvolver suas atividades etc. É obvio que os patrões não irão aceitar essas e outras reivindicações que o conjunto dos trabalhadores começam a exigir, pois assim, o lucro dos patrões iria cair muito drasticamente.

Uma das características da sociedade moderna e capitalista, é a luta de classes que ocorre a partir dos interesses das classes sociais em luta. Neste caso, na nascente sociedade capitalista, é visível a luta entre os trabalhadores do campo e da cidade contra seus patrões. Os antagonismos de classes irão se desenvolver ao ponto do acirramento mais violento entre proletariado e patronato, pois grande parte das exigências por direitos sociais serão negadas pelos patrões.

Marx ao analisar a sociedade capitalista é enfático ao colocar a posição do proletariado historicamente, ao fazer frente à classe dominante da sociedade no capitalismo, que é a classe burguesa. Assim, ele vai afirmar que a única classe social capaz de fazer frente à burguesia é o proletariado organizado coletivamente. Entretanto, Marx vai dizer que burguesia e proletariado, são as duas classes sociais fundamentais na sociedade capitalista, para tanto, estas travam uma luta cotidiana para defender os seus interesses.

A formação da sociedade capitalista, de fato, vai possibilitar o surgimento destas duas classes sociais, e com o seu desenvolvimento, o surgimento de outras que estão tanto do lado do proletariado, como do lado da burguesia, como é o caso da burocracia, tal como é analisada por Marx em *O 18 Brumário* (1997). Mas como ele próprio afirmava, do lado do proletariado em sua luta, está o próprio proletariado. Esta classe social, deve se organizar para poder lutar pela sua emancipação.

Mas para que esta emancipação ocorra, o proletariado como classe social, tem que se organizar no sentido de contestar a sociedade burguesa, bem como a classe dominante nesta sociedade. Sua luta é cotidiana, nos locais de trabalho e demais organizações na qual estes integram como trabalhadores. Suas lutas devem ser coletivas para o enfrentamento das formas de dominação existentes no local de trabalho e nos demais espaços da sociedade.

O Modo de produção capitalista, se desenvolve, universalizando cada vez mais as relações sociais capitalistas, logo, o proletariado como classe social também se universaliza, então, tem a necessidade de cada vez mais se organizar para lutar contra as

formas de dominação e exploração no trabalho, já que é esta classe social que é a produtora de toda a riqueza existente na sociedade.

O burguês em geral, vive da exploração do trabalho dos trabalhadores como um todo, logo, esses indivíduos, vivem da exploração do trabalho dos outros. Entretanto, essa relação de trabalho e exploração, não é “harmônica”, no sentido de aceitação, passividade etc, pois os trabalhadores lutam contra essas práticas no interior das fábricas, indústrias, comércio e demais locais de trabalho. Marx e Engels, (1998), afirmavam que a sociedade se divide cada vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas classes que se opõem frontalmente: burguesia e proletariado. Com o desenvolvimento da sociedade capitalista, outras classes sociais irão surgir e com o mesmo objetivo das outras defender seus interesses particulares.

Estas classes sociais, são fruto do desenvolvimento histórico das sociedades humanas, não é mera abstração das mentes de Marx e Engels. Estas classes sociais existem na realidade concreta, basta observarmos a forma em que Marx desenvolve seu método de análise da realidade social, ou seja, o método dialético, que visa desenvolver uma análise da realidade concreta, dos seres humanos vivos, de suas condições materiais e não do que os indivíduos imaginam ser as coisas, a realidade, a sociedade etc.

Assim, “vemos, portanto, como a burguesia moderna é, ela mesma, produto de um longo curso de desenvolvimentos, de uma série de revoluções nos modos de produção e de troca” (MARX e ENGELS, 1998, p. 12). As mudanças na qual os autores se referem, são mudanças no conjunto da sociedade, no qual eles chamam de modos de produção, pois historicamente, esses modos de produção e as sociedades que os representam, vão sofrendo mudanças, que em alguns momentos são bruscas, como foi o caso da Revolução Industrial e mudanças menos significativas.

Por outro lado, “a classe trabalhadora moderna, desenvolve-se: uma classe de trabalhadores, que vive somente enquanto encontra trabalho e que só encontra trabalho enquanto o seu labor aumenta o capital” (MARX e ENGELS, 1998, p. 20). Como foi apontado em outro momento, é esta classe social que é a produtora de toda a riqueza existente na sociedade, mas esta não é proprietária de riquezas. Normalmente o trabalhador vende a sua força de trabalho em troca de um salário, que não é suficiente para realizar a manutenção de sua vida e dos demais integrantes de sua família, pois o patrão quer acumular cada vez mais riquezas, logo, quanto menos ele pagar para o trabalhador, maior o seu lucro.

Podemos perceber que: “massas de trabalhadores, comprimidos nas fábricas, são organizados como tropas. Como soldados do exército industrial, são colocados sob o comando de uma hierarquia perfeita de oficiais e sargentos” (MARX e ENGELS, 1998, p. 21). Nesta pequena citação, os autores mostram como os trabalhadores estão organizados no interior das fábricas pelos gerentes da produção e demais representantes do capital. Neste caso, podemos perceber que a organização de fábricas e indústrias, reproduz a mesma forma de organização militar, que tem uma forte hierarquia e sua base é a relação entre os que dirigem a produção e os que são dirigidos, isto quer dizer, os trabalhadores em geral.

Para Marx e Engels (1998), não são somente escravos da classe burguesa e do Estado burguês, mas são, a todo dia e a toda hora, escravizados pela máquina, pelo supervisor e, acima de tudo, pelo próprio indivíduo fabricante burguês. Na sociedade moderna, com surgimento do Estado, vimos que a burguesia vai se associar a classe burguesa no sentido de ampliar a sua dominação. A burguesia como classe social, vai lutar para ser a classe dominante também em termos políticos. Assim, essa união entre burguesia e Estado, vai sendo cada vez mais forte no sentido de ter uma instituição para impor e dominar as demais classes sociais. O Estado como organização se fez forte historicamente, e hoje os trabalhadores organizados, tem de lutar são somente contra os burgueses, mas também contra o Estado e demais instituições que representam a burguesia.

No espaço da indústria, da fábrica e demais locais de trabalho, temos a figura do gerente, do fiscal, coordenador de turno e turma etc., são esses que organizam o trabalho para que seja mais produtivo e assim, o patrão conseguir a manutenção do seu lucro, ou mesmo ampliá-lo. Estes indivíduos que são os gerentes do capital, trabalham para reproduzir as formas desiguais de divisão de riquezas existentes na sociedade capitalista.

Os trabalhadores necessitam se organizar para lutar contra essas formas de imposição, dominação e exploração. E quem organiza a luta dos trabalhadores? Eles próprios, a partir das suas necessidades. Não precisam de indivíduos superiores, sindicatos, organizações burocráticas em geral, que falam em seu nome. Sua luta deve ser autônoma, organizados de forma que não possam ser controlados por outros indivíduos, mesmos àqueles que queiram falar em seu nome. Os indivíduos bem intencionados, estarão lutando coletivamente junto aos trabalhadores e ao mesmo tempo

contribuindo com a sua luta, não tentando dirigi-los ou guia-los para a atingir seu objetivo final, que é a revolução social.

A luta do proletariado é constante, há momentos de maior força e há momentos de recuo desta luta, fato normal em uma sociedade que tem por base os antagonismos de classes. Em determinados momentos históricos essa luta é acirrada, e outros momentos não. Desta maneira, “o proletariado passa por vários estágios de desenvolvimento. Com seu nascimento, começa a sua luta contra a burguesia” (MARX e ENGELS, 1998, p. 22). E com o desenvolvimento da sociedade capitalista, passa a lutar também contra outras classes sociais apoiadoras da classe burguesa, como é o caso da burocracia e do Estado que foi citado anteriormente. A burguesia buscou se organizar para dominar o conjunto da sociedade, por isso, que Marx falava que esta cria um mundo à sua imagem. Sua ideologia é muito forte, então os trabalhadores ao terem consciência dessa realidade, tem que se organizar para lutar contra esta e seus representantes.

A organização do proletariado a partir dos seus próprios interesses e consciência, é fundamental para a sua luta. Pois, “no entanto, com o desenvolvimento da indústria, o proletariado não só aumenta em número, como se torna concentrado em massas maiores; sua força cresce e ele sente mais essa força” (MARX e ENGELS, 1998, p. 23). Essa ampliação pode facilitar na organização do proletariado, já que ocorre cada vez mais a universalização do trabalho em fábricas, indústrias, comércio etc. Assim, o proletariado consegue cada vez mais ampliar sua luta e organização para lutar contra a dominação burguesa. No contexto em que Marx analisava a sociedade capitalista e o modo de produção correspondente a esta, ou seja, o modo de produção capitalista, o proletariado estava presente no conjunto das lutas sociais. Ainda era um momento incipiente da sua formação e consolidação como classe social. Entretanto, a luta entre as classes sociais fundamentais no capitalismo já estava estabelecida (burguesia e proletariado). Com o desenvolvimento da sociedade, essas lutas se ampliam e outras classes sociais entram em cena.

Na concepção de Marx e Engels (1998), o verdadeiro fruto de suas batalhas repousa não no resultado imediato, mas na união cada vez mais abrangente dos trabalhadores. Esta união é favorecida pelos meios de comunicação mais desenvolvidos, criados pela indústria moderna e que colocam os trabalhadores de localidades diferentes em contato uns com os outros. Quando o proletariado luta, este consegue resultados rápidos, mas a luta deve continuar para que estes possam atingir o objetivo final, que é a

transformação social radical das relações sociais, ou seja, formar a livre associação dos produtores (sociedade comunista).

O proletariado, tem que fortalecer sua luta em todos os lugares do mundo, pois esta tornou-se uma classe social universal. Com o desenvolvimento da sociedade capitalista, os trabalhadores podem fazer uso dos meios de comunicação para fazer contato com trabalhadores de outros países e regiões, para lutar em favor de uma organização, que é base para que esta classe social possa lutar e por fim derrotar a classe dominante.

A luta que o proletariado trava cotidianamente contra a dominação burguesa, é uma luta ampla que deve ocorrer em todos os espaços da sociedade. Desta forma, Marx e Engels afirmam: “mas cada luta de classe é uma luta política” (MARX e ENGELS, 1998, p. 24). A luta entre as classes sociais, além de política, é econômica, social, cultural etc., pois ocorre de forma ampliada na sociedade em geral. Cabe aos trabalhadores organizados contestar e lutar contra todas essas formas de imposição. Sendo assim, a partir desta organização coletiva terão melhores condições de se organizarem e lutar em todas as frentes.

Entretanto, “esta organização dos proletários em uma classe e, conseqüentemente, em um partido político, está sendo perturbada, continuamente, pela competição entre os próprios trabalhadores” (MARX e ENGELS, 1998, p. 24). Os trabalhadores não podem chegar a esse ponto, de competir uns com os outros, mas devem buscar forças para sua união. O que a burguesia quer também, é colocar os trabalhadores para disputar espaços entre si e conseqüentemente, fragmentar a luta e continuar a sua exploração desapiadada. Quando os autores falam da formação de um partido, não se trata de um partido na concepção moderna de partido político, ou seja, da formação de uma organização burocrática que vai gerir a vida e a luta dos trabalhadores. Este partido é a organização do proletariado de forma autônoma, que é algo bem diferente da organização de um partido político da forma que nós conhecemos hoje, ou seja, da relação burocrática que existe no interior dos partidos políticos e a relação entre dirigentes e dirigidos¹

A contestação destas relações são fundamentais para que o proletariado possa avançar em termos de organização da sua luta contra a burguesia. Assim, “a própria

¹ Para um estudo que desenvolve uma análise crítica sobre os partidos políticos, sejam eles, de direita ou de esquerda e que busca mostrar a importância da concepção de Marx e do próprio proletariado em luta, ver a obra de Viana (2003).

burguesia, portanto, fornece ao proletariado seus próprios elementos de educação política em geral, em outras palavras, supre o proletariado com armas para enfrentar a burguesia” (MARX e ENGELS, 1998, p. 25). São estas armas, que o proletariado deve utilizar para atingir seu objetivo final, que é a destruição completa da sociedade burguesa. Dentre essas armas, estão os próprios meios de comunicação como foi apontado em outro momento, a produção intelectual, crítico-revolucionária, que também contribui com essa luta.

No desenvolvimento das lutas operárias, sua organização se amplia e novos indivíduos são inseridos nesta luta. Seguindo a concepção de Tragtenberg (2008), a classe trabalhadora cria os embriões do socialismo pela prática da ação direta contra o capitalismo, unificando decisão e planejamento e eliminando a divisão tradicional de trabalho entre os que pensam e os que fazem, entre os dirigentes e os dirigidos. Sua luta deve ser fruto da sua própria organização coletiva em sentido amplo, não deve acreditar em indivíduos que buscam controlá-los, dominá-los em nome de partidos políticos, sindicatos e demais organizações burocráticas, que são comuns na sociedade capitalista. Um coisa são os discursos, outra é a prática destas organizações, pois normalmente são aliadas da classe dominante. Estas ações são decisivas na luta do proletariado como um todo.

Nas formas de organização dos trabalhadores de forma mais ampla e planejada, “a ação direta dos trabalhadores substitui os intermediários – os políticos profissionais – e a suprema autoridade é a assembleia, que tem poderes não só para nomear os que querem representa-los, mas também para destituí-los” (TRAGTENBERG, 2008, p. 17). Ou seja, não há necessidades para intermediários, pois esses querem fragmentar a luta e obviamente atender aos interesses dos patrões e não dos operários. Irão fazer uso de um discurso afirmando que estão do lado trabalhadores etc, mas na prática estão do lado dos patrões. A assembleia dos trabalhadores é uma forma coletiva destes se organizarem sem a necessidade do dirigente profissional.

Então, podemos afirmar que “os operários somente podem conquistar sua consciência de classe por meio da contestação direta do sistema que os isola e divide” (TRAGTENBERG, 2008, p.18). É essa contestação, que faz com que o proletariado possa desenvolver uma consciência crítica da realidade na qual estão inseridos. O isolamento é superado com as associações de trabalhadores, em sua luta cotidiana contra o capital e seus representantes.

No espaço da fábrica, da indústria, existem contradições visíveis, onde o trabalhador pode fazer uso e se auto organizar para lutar. Neste sentido, torna-se importante notar a partir da perspectiva de Tragtenberg (2008), na fábrica tudo conspira contra inteligência do operário, expropriado dos meios de produção, dos frutos do trabalho e do conhecimento. Integrado à linha de produção ou vinculado à máquina, o trabalhador constitui “uma máquina” entre máquinas; ele perde a consciência. Mas sua consciência é provocada a todo instante, pelas condições de trabalho, exploração, dominação e opressão sofrida no local de trabalho, logo, estes percebem a necessidade de lutar contra tudo isso.

Na verdade, a classe burguesa e detentora do capital, seus representantes, bem como as instituições burguesas, como é o caso do Estado, que regula e organiza a vida em sociedade, de fato, querem o trabalhador, isolado, no individualismo, e competindo com os demais trabalhadores. Na imposição destas formas ideológicas o capital busca fragmentar a luta dos trabalhadores, estes devem resistir bravamente. Percebemos historicamente, que a única forma dos trabalhadores superar a exploração, dominação e a opressão no trabalho é lutando, e lutando cotidianamente contra seus patrões.

Nesta caminhada, estes irão encontrar dificuldades, mas estes não devem desanimar, deve buscar cada vez mais se associarem em coletivos para fortalecer a luta. Nesta perspectiva, podemos afirmar nas palavras de Tragtenberg: “o egoísmo aparece como produto do capital; o coletivismo, como rebelião do trabalho” (TRAGTENBERG, 2008, p. 24). O coletivismo na luta é fundamental para que os trabalhadores, possam superar a fragmentação destas lutas, pois quanto mais fragmentada, melhor para o capital e seus representantes.

O movimento dos trabalhadores organizados, desde sua origem, lutou e luta contra as formas de imposição e dominação da classe dominante para abolir as relações sociais capitalistas. Foi possível perceber a necessidade de suas lutas e formas de organização com esse fim. Suas lutas foram historicamente marcadas por forte embates contra o patronato.

Podemos afirmar que houve avanços e recuos nesta luta e que hoje com o desenvolvimento da sociedade, do Estado e a burocratização cada vez mais presente, o proletariado, tem que conviver com novas formas de luta e de ação, mas é evidente que a sua luta deve ser autônoma, fora do espaço de partidos políticos e sindicatos, que hoje são organizações extremamente burocratizadas e que visa representar a classe

dominante e não os trabalhadores. Por fim, a sua tarefa é árdua e sua luta deve continuar sendo coletiva, contra todas as formas de dominação.

WORKER MOVEMENT, ORGANIZATION, CLASS STRUGGLE OR FRAGMENTATIO

ABSTRACT: This article aims at analyzing the movement of workers, your organization from the class struggle and at the same time, your fragmentation or not, because it is a complex reality, in which workers are inserted. Today, we saw a wide variety of information about social movements in General, especially workers on strike. It would be a legitimate strike? This is one of the ways found to workers claim their social rights, political, economic, etc., that is, it is one of their organization to fight against their bosses. The workers ' movement in General, expresses the class struggle in capitalist society, but some claim that this is in crisis or that no longer exists. To understand this issue becomes critical from conception of Mauritius Tragtenberg, that will be one of our references to think the movement of workers, your organization and how this expresses the class struggle or fragmentation of this. So, this article based on the texts of Tragtenberg, on the Organization of the labor movement, seeks to fundamentally understand this critically important issue for the Organization and the workers ' struggle in your entirety.

Key words: movement of workers, organization, class struggle.

REFERÊNCIAS

MARX, K. (1997). **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

MARX, K.; ENGELS, F. (2005). **A Ideologia Alemã**. São Paulo, Centauro.

MARX, K.; ENGELS, F. (1998). **O Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

TRAGTENBERG, M. (2008). **Reflexões Sobre o Socialismo**. São Paulo, Unesp.

VIANA, N. (2003) **O Que São Partidos Políticos?** Goiânia, Edições Germinal, 2003.

VIANA, N. (2007). **Escritos Metodológicos de Marx**. Goiânia, Alternativa, 2007.